

## APRESENTAÇÃO

### UFRJ, SOB A ÉGIDE DA MINERVA... CARIOCA!

Em 7 de setembro de 1920, o governo federal criou sua primeira universidade – a Universidade do Rio de Janeiro (URJ) (a partir de 1965, denominada de Universidade Federal do Rio de Janeiro [UFRJ]) – por meio do Decreto n.º 14.343 (Fávero, 2010, p. 29-41). Entretanto, sua identidade visual somente foi oficializada na sessão do Conselho Universitário de 15 de setembro de 1925, quando foi homologado o vencedor da seleção do concurso: o esboço n.º 2 de Raul Paranhos Pederneiras (1874-1953)<sup>1</sup> (Souza, 2020, p. 96). A divindade romana Minerva, sentada num trono, foi a escolhida. A tradição clássica estava muito presente no meio acadêmico, especialmente nas Belas Artes (Almeida, 2008, p. 199-206; Chiavari, 2018, p. 124-162). Minerva foi identificada com a Atena helênica (Grimal, 1997, p. 53 e 311), filha de Zeus (senhor do Olimpo) e Métis (Prudência). Ainda grávida, Métis foi engolida por Zeus, receoso de que um filho gerado com ela pudesse usurpar seu trono (Hesíodo. *Teogonia*. vv. 886-900). Atena nasceu da própria cabeça de Zeus: surgiu “*terrível estrondante guerreira infatigável soberana a quem apraz fragor, combate e batalha*” (Hesíodo. *Teogonia*. vv. 925-926). Sua combatividade, contudo, se amalgama à sua capacidade argumentativa e racional para manter a comunidade estável e organizada. De Zeus, herdou o conhecimento abstrato; de Métis, o conhecimento prático da astúcia. Assim, traça estratégias e descobre caminhos. Entronizada, Minerva veio para reger as atividades da então Universidade do Rio de Janeiro, que a adotou como símbolo. A divindade, por estar associada à sabedoria, à ciência, às artes, à estratégia e à excelência, foi escolhida por instituições acadêmicas e científicas, como, por exemplo, a Academia Brasileira de Ciências (ABC), fundada em 1916. Para dar singu-

---

<sup>1</sup> Caricaturista, chargista, pintor, escritor, dramaturgo e professor da nossa instituição. Foi docente em duas cátedras: de anatomia artística na Escola Nacional de Belas Artes (ENBA) de 1918 a 1938 e, a partir de 1938, optou apenas por ser catedrático de Direito Internacional na Faculdade Nacional de Direito (FND) até a sua aposentadoria.

laridade à “sua” Minerva, houve o cuidado de relacioná-la ao local onde se situa a universidade: abaixo da Minerva entronizada, havia um friso com a perspectiva da entrada da Baía de Guanabara. Assim, não era a Minerva mediterrânica da tradição clássica; surgia a Minerva... carioca!

Esta característica se consolidou no início da década de 1950, quando o símbolo adquiriu a conformação de medalhão com o busto perfilado da Minerva. Esta nova configuração aparece no *ex-libris* elaborado pelo heraldista Alberto Lima (1898-1971) em 1954 para a Biblioteca Central da Universidade do Brasil (assim denominada desde 5 de julho de 1937 com a edição da Lei n.º 452<sup>2</sup>). A efígie em perfil da Minerva, voltada para a direita, direciona seu olhar para a constelação Cruzeiro do Sul, observada com facilidade no céu do Hemisfério Sul e presente em todos os nossos símbolos nacionais (selo, brasão de armas e bandeira, criados em novembro de 1889, e hino, oficializado em 1922), o que condiz com a então denominação de Universidade do Brasil. Para especificar a localização da instituição acadêmica sob esta constelação, delineou-se o contorno dos morros do Pão de Açúcar e da Urca. Era esta a paisagem privilegiada que se apreciava da edificação que então abrigava a Reitoria da universidade. Este prédio, um bellissimo palácio neoclássico, fora construído entre 1842 e 1852 para abrigar o Hospício D. Pedro II, o primeiro hospital do país a atender pacientes com transtornos psiquiátricos. Nas décadas de 1930 e 1940, o então Hospital da Praia Vermelha estava superlotado e decadente; seus pacientes foram gradualmente transferidos para a Colônia Juliano Moreira e o Hospital do Engenho de Dentro. Em setembro de 1944, concluiu-se a transferência de todos os pacientes e o hospital foi desativado e entregue à Universidade do Brasil. Iniciou-se a revitalização da edificação.<sup>3</sup> Em 1949, ainda em obras, o local passou a ser a sede da Universidade do Brasil e a abrigar também os cursos de Educação Física, Arquitetura e Farmácia. A conclusão da obra ocorreu em 1952, sob a responsabilidade do reitor Pedro Calmon. O brasão estava relacionado a esta nova fase da edificação: a de Palácio Universitário,<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> Para maiores detalhes sobre o projeto universitário, ver: Fávero (2010, p. 43-64).

<sup>3</sup> Ver: Calmon (2015).

<sup>4</sup> Este é uma das edificações que compõem o rico patrimônio histórico edificado e tombado da UFRJ, a saber: Centro de Arte Hélio Oiticica, Colégio Brasileiro de Altos Estudos, Escola de Enfermagem Ana Nery, Faculdade Nacional de Direito, Hospital Escola São Francisco de Assis, Hospital Universitário Clementino Fraga Filho, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (desde dezembro de 2010, a edifica-

ambiente voltado para o ensino, a pesquisa, as artes e a cultura e que, atualmente, compõe o *campus* da Praia Vermelha da UFRJ.

Em 1993, coube a Joaquim de Lemos e Sousa (1937-2016), professor titular da Escola de Belas Artes da UFRJ, a tarefa de recompor e sintetizar as várias versões da Minerva da UFRJ, que resultou no modelo tridimensional de esculturas de 5 grandes (2,7m de altura x 2,0m de largura) medalhões com baixo e alto relevos em gesso e resina com policromia ou pátina e também em liga de bronze; uma dessas esculturas, a que se encontra na Sala dos Conselhos Universitários no Edifício Jorge Machado Moreira (onde funcionou a Reitoria até 2022), ilustra a capa do presente número da revista *Phoînix*. Souza (2020, p. 95-108), ao apresentar o “artífice” da Minerva da UFRJ, descreveu com muita propriedade os elementos componentes da divindade presentes no brasão: a oeste (onde o sol se põe), a lança ereta em posição de descanso (acrescentamos: em prontidão para o combate em caso de necessidade) representa o pilar da interseção entre a terra e o céu; o elmo (norte) indica o céu, relaciona-se ao nascimento da deusa da cabeça de Zeus e está adornado com o Pégaso (nascido do sangue derramado da Medusa após Perseu degolá-la com a ajuda de um stratagem de Atena) e a cabeça de dois carneiros (acrescentamos: este animal utiliza os chifres para lutar e abrir caminhos; representa coragem, agressividade e liderança); a face da Minerva está voltada para leste (onde o sol nasce); o peitoral em armadura (sul) com a cabeça da Medusa (acrescentamos: sua cabeça com cabelos serpentíferos tem a capacidade de petrificar quem a olhasse diretamente; ela foi presenteada por Perseu a Atena, que lhe ensinou como evitar de ser petrificado) e duas serpentes (representando a terra). Adicionamos ainda que, emoldurando a parte inferior do medalhão, há folhas de acanto, ornamento muito comum na Antiguidade, associado à superação das dificuldades, ao triunfo (Chevalier; Gheerbrant, 2016, p. 10).

Vários elementos constantes no brasão esculpido por Joaquim de Lemos e Sousa em 1993 já estavam presentes no *ex-libris* feito por Alberto

---

ção é compartilhada com o Instituto de História), Escola Nacional de Música, Palácio Universitário, Museu Nacional, Fundação Universitária José Bonifácio, Observatório do Valongo e Teatro de Arena Carvalho Netto (Disponível em: <https://memoria.sibi.ufrj.br/index.php/lugarmemo/patrimonio-edificado>). Infelizmente, verbas insuficientes colocam em risco a sua necessária manutenção, o que resultou no terrível incêndio do Museu Nacional em 2018 e, há algum tempo, vivemos cotidianamente na iminência que ocorra o mesmo no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – Instituto de História (ver: <https://vejario.abril.com.br/cidade/reitoria-ufrj-ifcs-risco-incendio>). Urge a realização de obras para evitar isto!

Lima na década de 1950.<sup>5</sup> Identificamos que a Minerva carioca da UFRJ teve como modelo iconográfico a *Atena ou Minerva Giustiniani*,<sup>6</sup> uma estátua romana de mármore baseada em uma obra grega de bronze do final do século V ao início do século IV a.C. Descoberta no século XVII, pertenceu, inicialmente, à coleção de Vincenzo Giustiniani (daí, o seu epíteto), e, a partir de 1817, fez parte do acervo dos Museus do Vaticano (inv. 2223). Desde a sua descoberta, a estátua *Minerva Giustiniani* foi muito apreciada. Do século XVIII, há uma variedade de cópias suas em pequena escala e alusões em outras artes. No século XIX e no início do XX, havia a prática de se produzir moldes de gesso de esculturas clássicas para museus, escolas e coleções particulares e o modelo *Minerva Giustiniani* apareceu regularmente nos catálogos de vários fabricantes comerciais de moldes. Para a decoração do novo Cais do Valongo, construído entre 1841 e 1843, foi encomendada uma estátua em mármore de Minerva, inspirada na *Minerva Giustiniani*, que, com a reforma urbanística do prefeito Pereira Passos (1902-1906), foi transferida para o Jardim Suspense do Valongo, onde se encontra até a atualidade. E, no Rio de Janeiro do século XXI, qual é a recepção da Minerva carioca (também inspirada na *Minerva Giustiniani*) do brasão da UFRJ?

No breve texto de Cordeiro (2020, p. 109), a identificação do brasão da Minerva com a comunidade da UFRJ pode ser constatada nos depoimentos de uma técnica-administrativa e de três discentes. Assim, não poderia ser diferente que, no processo de atualização do brasão da UFRJ, em vigor desde o início de 2021,<sup>7</sup> optou-se, ao final, por preservar o brasão tradicional, considerado como um “patrimônio afetivo” a partir de uma ampla pesquisa realizada pela Diretoria de Design & Tecnologia da Coordenadoria de Comunicação do Gabinete da Reitoria da UFRJ com as comunidades interna e externa (Mendes, 2021).<sup>8</sup>

A Minerva carioca da UFRJ foi apropriada de diferentes formas pelos seus “filhos”. Em 1993, o nosso Laboratório de História Antiga (LHIA)

---

<sup>5</sup> Na palestra de Dohmann (2021), foi projetada uma imagem da página com o referido *ex-libris*.

<sup>6</sup> Cf. com a imagem da gravura da *Athena Giustiniani*, feita por Anna Maria Vaiani para a *Galleria Giustiniana del Marchese Vincenzo Giustiniani* (Roma, 1631), v. 1, placa 3. Domínio público. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Athena\\_Giustiniani\\_\(Galleria\\_Giustiniana,\\_vol.\\_1,\\_plate\\_3\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Athena_Giustiniani_(Galleria_Giustiniana,_vol._1,_plate_3).jpg).

<sup>7</sup> Ver: <https://ufrj.br/comunicacao/identidade-visual/>.

<sup>8</sup> Além disso, ver: <https://conexao.ufrj.br/2021/08/marca-da-ufrj-e-revitalizada/>.

(órgão de pesquisa, ensino e extensão do Instituto de História da UFRJ) a abrigou no “L” do seu logo. Em 2003, Minerva estava estilizada como sambista no estandarte elaborado por Maria Augusta Rodrigues (carnavalesca e professora da Escola de Belas Artes da UFRJ) e pelo cartunista Lan (1925-2020) para o bloco carnavalesco “Minerva Assanhada”, criado durante a gestão do reitor Carlos Lessa (2002-2003), por professores, técnico-administrativos e estudantes da universidade. Em 2020, o bloco “Minerva Assanhada” iria retornar para as comemorações dos 100 anos da UFRJ com um estandarte bem brasileiro: uma Minerva preta com o elmo acoplado a um adorno de cabeça à *la* Carmen Miranda, segurando uma maraca e emoldurada por folhas de palmeiras; estava pronta para cair na folia, mas as medidas restritivas devido à Pandemia de Covid-19 cancelaram o desfile do bloco.<sup>9</sup> Durante a crise sanitária, a Minerva carioca da UFRJ vestiu a máscara cirúrgica e a ponta da sua lança foi substituída pela vacina<sup>10</sup> – tendo a ciência como “arma”, combateu em prol da saúde.

Neste número da revista *Phoênix*, cujo dossiê trata de “Antiguidade: recepção e usos do passado”, organizado pelos colegas Pedro Paulo Abreu Funari e Lourdes Madalena Gazarini Conde Feitosa, não poderíamos deixar de nos furtar de apresentar, em imagem e escrita, a Minerva carioca da UFRJ, que, em 2025, completará 100 anos como símbolo da nossa instituição; será uma centenária extremamente ativa e produtiva, conforme já preconizado no samba do bloco “Minerva Assanhada” em 2020:<sup>11</sup> *Eu quero sonhar /Criar um futuro melhor /Vou fazer balbúrdia.*

*Regina Maria da Cunha Bustamante (UFRJ) e  
Fábio de Souza Lessa (UFRJ)*

<sup>9</sup> Ver: <https://eventos.ufrj.br/evento/desfile-do-bloco-minerva-assanhada/>

<sup>10</sup> Ver: <https://www.facebook.com/PortalUFRJ/photos/a.912514752117516/3969262776442683/?type=3>

<sup>11</sup> Para a ocasião, Noca da Portela (compositor, cantor e instrumentista, uma importante referência do samba carioca, que recebeu o título de Doutor *Honoris Causa* da UFRJ em 2022) e Roberto Medronho (professor da Faculdade de Medicina e atual Reitor da UFRJ) compuseram o samba *UFRJ, 100 Anos de Arte, Ciência e Balbúrdia.*

## Documentação

HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses*. Trad. Jaa Torrano. 7. ed. São Paulo: Iluminuras, 2007.

## Referências bibliográficas

ALMEIDA, Rossano Antenuzzi de. Academia Imperial das Belas Artes. In: CHEVITARESE, André Leonardo *et al.* (orgs.). *A tradição clássica e o Brasil*. Brasília, DF: Archai-UnB/Fortium, 2008. p. 199-208.

CALMON, Pedro. *O Palácio Universitário*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 29. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.

CHIAVARI, Maria Pace. O neoclassicismo como modelo no ensino da arquitetura no Brasil. In: PESSOA, Ana *et al.* (orgs.). *Gosto neoclássico: atores e práticas artísticas no Brasil no século XIX*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2018. p. 124-162.

CORDEIRO, Gabriella. A Minerva para cada um. *Versus – Revista de Ciências Sociais Aplicadas do CCJE/UFRJ*, Rio de Janeiro, n. 7, p. 109, dez. 2020. Disponível em: [https://versus.ccje.ufrj.br/wp-content/uploads/2020/12/Versus\\_Edicao7\\_Final\\_.pdf](https://versus.ccje.ufrj.br/wp-content/uploads/2020/12/Versus_Edicao7_Final_.pdf). Acesso em: 13 maio 2024.

DOHMANN, Marcus. Palestra na mesa “A Minerva da UFRJ: o rosto de uma deusa que se atualiza ao ultrapassar os 100”. In: *Festival do Conhecimento 2021 – Futuros possíveis*, 15/07/2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E1kDJzJzEhc>. Acesso em: 13 maio 2024.

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque *Universidade do Brasil: das origens à construção*. 2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

MENDES, Claudia. Palestra na mesa “A Minerva da UFRJ: o rosto de uma deusa que se atualiza ao ultrapassar os 100”. In: *Festival do Conhecimento 2021 – Futuros possíveis*, 15/07/2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E1kDJzJzEhc>. Acesso em: 13 maio 2024.

SOUZA, Waldelice. Minerva pelos olhos do artifice. *Versus* – Revista de Ciências Sociais Aplicadas do CCJE/UFRJ, Rio de Janeiro, n. 7, p. 95-108, dez. 2020. Disponível em: [https://versus.ccje.ufrj.br/wp-content/uploads/2020/12/Versus\\_Edicao7\\_Final\\_.pdf](https://versus.ccje.ufrj.br/wp-content/uploads/2020/12/Versus_Edicao7_Final_.pdf). Acesso em: 13 maio 2024.